

Soropositivos enfrentam problemas nos ossos

Pesquisa comprova dificuldades e dores

DA REDAÇÃO

O que para muitos portadores do vírus HIV já é rotina há algum tempo - frequentes dores e dificuldades osteoarticulares - para a medicina começa a ganhar contornos de realidade. Levantamento realizado pelo Hospital das Clínicas (HC) mostra que 17% dos soropositivos desenvolvem alguma complicação ortopédica.

O uso prolongado do coquetel de medicamentos, a presença do vírus nos ossos, questões genéticas e o sedentarismo podem ser os responsáveis pelas alterações.

Entre os principais problemas ósseos apresentados por soropositivos que usam antirretroviral há mais de dez anos estão a osteoporose (fraqueza dos ossos) e a osteonecrose (morte do osso) principalmente no quadril.

Os dados são do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do HC, que conta com ambulatório pioneiro e único na América Latina para esses pacientes, encaminhados principalmente pela Casa da Aids e pelo Centro de Referência e Treinamento DST/Aids-SP.

Conforme a infectologista Priscila Rosalba Domingos de Oliveira, que atua no ambulatório, as complicações podem ser efeito colateral dos medicamentos, influência do próprio vírus, já que o osso é um reservatório do HIV, mas também podem estar relacionadas com o fato de os pacientes soropositivos estarem vivendo mais, e portanto ficando mais expostos a outros riscos.

Outras duas constatações, no caso das osteonecroses, também chamam a atenção de especialistas. Dos portadores do vírus HIV que se queixam de dor no quadril, 61% têm a doença. Pior: nesses pacientes a evolução do problema é mais rápida. Por causa do diagnóstico tardio, a única opção de tratamento é a colocação de próteses articulares.

"As queixas (de dores) dos pacientes devem ser valoriza-



Campanha, que tem como objetivo incentivar o diagnóstico precoce da infecção pelo vírus, pretende realizar 120 mil exames no Estado

das e os infectologistas têm que pedir exames para monitorar os ossos", defende Priscila.

Beto Volpe, fundador e consultor da ONG Hipupiara (de enfrentamento à epidemia de aids), que vive com HIV há 21 anos e que foi diagnosticado com osteonecrose, tendo a cabeça do fêmur substituída por uma prótese em 2002, sabe bem o que significa o levantamento do Hospital das Clínicas.

"A gente vem falando isso há muito tempo. Há anos eu estou com o meu osso no vidro (ver artigo)", argumenta Volpe. "As pessoas com HIV/aids estão com medo pois percebem no dia a dia que a realidade da aids é muito diferente do que os números oficiais declaram e o senso comum imagina, uma doença crônica e sob controle".

Volpe alerta para a necessida-

de dos pacientes cobrarem dos seus médicos alguma atitude. "Os médicos não se atualizam, e nós não temos dados. Estamos começando aos poucos a ver como as pessoas estão vivendo. Existe a necessidade de montar um novo tipo de vigilância".

É PRECISO VER ALÉM

Não são apenas os problemas ósseos nos portadores do vírus HIV que têm chamado a atenção de especialistas. Doenças cardiovasculares, diabetes e câncer, causas que não estão diretamente ligadas à aids estão entre os óbitos mais frequentes desses pacientes, conforme estudo do Hospital Universitário Clemente Fraga Filho (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Segundo o chefe do laboratório de pesquisas em aids do hospital, Mauro Schechter, apesar de a mortalidade por aids ter diminuído muito depois do acesso aos antirretrovirais, o número de óbitos já vem se mantendo estável há algum tempo.

Em outras palavras, o que tem se observado é o crescimento do número de mortes de soropositivos por outras causas. "Nós estamos trocando seis por meia dúzia", resume.

Segundo ele, "o Ministério da Saúde olha o sujeito HIV, só como HIV" e não o trata como um todo.

Olhos fechados

Para Mauro Schechter, o sistema de saúde não trata os soropositivos como deveria, fechando os olhos para outras doenças comuns e que podem se tornar mais frequentes seja pelo uso prolongado dos remédios, seja pelo fato desses pacientes estarem vivendo mais